

Novas perspectivas do romance histórico: uma leitura de *A prole do corvo*, de Luiz Antonio de Assis Brasil

*New Perspectives of the Historical Novel:
A Reading of **A prole do corvo**, by Luiz Antonio de Assis Brasil*

Cibele Hechel Colares da Costa¹, Mairim Linck Piva¹

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração História da Literatura, da Universidade Federal do Rio Grande. Mestre, pelo mesmo programa de pós-graduação mencionado, com a dissertação intitulada: *A prole do corvo*, de Luiz Antonio de Assis Brasil: aproximações e distanciamentos no romance histórico, a qual encontra-se disponível no site do programa (www.ppgletras.furg.br) e no site do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil (www.laab.com.br), junto à crítica de sua obra.

E-mail: cibele_colares@yahoo.com.br

² Professora Adjunta de Literatura da Universidade Federal do Rio Grande. Doutora e Mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coordenadora dos projetos de pesquisa "Crítica e imaginário na literatura sul-rio-grandense" e "Imaginário e intimismo: múltiplas representações literárias".

E-mail: mairimpiva@furg.br

RESUMO: O artigo propõe uma leitura do romance sul-rio-grandense *A prole do corvo*, de Luiz Antonio de Assis Brasil, a partir das teorias do romance histórico tradicional, teorizado por György Lukács, e do novo romance histórico, apresentado por Seymour Menton. Destaca-se que a diegese romanesca aponta como marca cronológica um evento histórico, o último ano da Revolução Farroupilha ocorrida no Estado do Rio Grande do Sul. Este estudo busca mostrar como a narrativa, mesmo apresentando características do romance histórico, pode ser considerada diferenciada das demais obras desse gênero por apresentar um acentuado viés intimista.

PALAVRAS-CHAVE: Romance histórico; Intimismo; Literatura sul-rio-grandense; Luiz Antonio de Assis Brasil; *A prole do corvo*.

ABSTRACT: This paper presents a reading of the sul-rio-grandense novel *A prole do corvo*, by Luiz Antonio de Assis Brasil. The analysis is based on the theories of traditional historical novel, theorized by György Lukács, and from the new historical novel, presented by Seymour Menton. We can notice that the Romanesque diegesis points as a chronological mark a historical event, the last year of Revolução Farroupilha, that took place in Rio Grande do Sul. This study aims to show how the narrative, even with historical novel characteristics, can be considered different from the other works of this gender, by presenting a strong intimate bias.

KEYWORDS: Historical novel; Intimacy; Sul-rio-grandense literature; Luiz Antonio de Assis Brasil; *A prole do corvo*.

O pioneirismo aristotélico nos estudos da relação entre história e ficção é observado pelo historiador Peter Burke (1987): “é impossível não começar com os gregos. A Poética de Aristóteles se constitui no ponto de partida natural para o estudo da relação entre história e ficção” (p.108). Burke ressalta ainda que os escritores gregos, bem como o seu público leitor, não estabeleciam uma divisão entre história e ficção, tal como se faz na atualidade. Porém, essa atualidade é questionada pelo próprio Burke (1987, p. 108) ao afirmar que “escritores gregos e seus públicos não colocavam a linha divisória entre história e ficção no mesmo lugar em que os historiadores a colocam hoje (ou foi ontem?)”; dessa forma, o historiador estabelece uma tensão na discussão quanto à linha divisória, apontando seu possível caráter ultrapassado.

Um dos frutos da relação entre a literatura e a história é o gênero romance histórico, o qual tem, entre seus representantes, o escritor Walter Scott, que foi, segundo os estudos do húngaro György Lukács (2011), em sua publicação de 1954 (traduzida para o português apenas em 2011), *O romance histórico*, o pioneiro nessa escrita, utilizando elementos do passado da Inglaterra (momentos tidos como históricos) dentro da narrativa literária. Destaca-se que, na obra de Lukács (2011), estão presentes as principais características do romance histórico tradicional; para exemplificá-las, ele analisa, com detalhes, a obra do primeiro romancista na construção da narrativa histórica.

Outro teórico com papel de destaque nos estudos da área do romance histórico é Seymour Menton (1993), cuja proposta é apontar os caminhos que o novo romance histórico da América Latina havia seguido, estabelecendo um recorte temporal, que vai de 1979 a 1992. O estudioso tem a intenção também de apresentar um estudo que apontasse, a partir das obras elencadas por ele, algumas modificações no gênero, quando comparado àquele inicialmente apresentado nos estudos de György Lukács, considerando a lacuna temporal de trinta e nove anos entre os estudos dos dois teóricos.

No campo do romance histórico, destacam-se os estudos do teórico húngaro György Lukács, em sua obra *O romance histórico*, que estabelece como marco inicial do romance histórico o começo do século XIX, com o romance *Waverley*, de Walter Scott (1814). Lukács admite que possam ter existido alguns romances de temática histórica anteriores ao citado, mas nenhum deles se enquadra no “fenômeno romance histórico”, visto que:

Os chamados romances históricos do século XVII (Scudéry, Calprende etc.) são históricos apenas por sua temática puramente exterior, por sua roupagem. Não só a psicologia das personagens, como também os costumes retratados são inteiramente da época do escritor. (...) O que falta ao pretense romance histórico anterior ao de Walter Scott é o elemento especificamente histórico: o fato de a particularidade dos homens ativos derivar da especificidade histórica de seu tempo (LUKÁCS, 2011, p. 33).

Com isso, o teórico aponta uma das principais características por ele atribuídas ao gênero romance histórico: trata-se da construção das personagens ambientadas no tempo histórico que o romance propõe e não na época do escritor, como os romances anteriores a Walter Scott faziam. Lukács (2011) explica que todos os acontecimentos ocorridos durante a Revolução Francesa serviram de base econômica e ideológica para a escrita de obras de cunho histórico, ou seja, contribuíram para as temáticas abordadas nas suas escritas desse gênero romanesco.

Adentrando mais profundamente nas características do romance histórico, Lukács (2011) aponta a primeira característica como o fato de não haver grande destaque para o tempo presente do escritor, pois não são tratadas, nas obras do gênero, questões que envolvem a sociedade do momento contemporâneo da escrita. Assim, pode-se pensar que, em tais obras, são traçados grandes painéis históricos que pretendem, por vezes, abarcar determinada época e conjunto de acontecimentos passados.

Conforme Lukács (2011), outra característica do romance histórico tradicional é o fato de estar organizado levando em consideração uma temporalidade cronológica dos acontecimentos narrados. Ao escolher essa forma de narração, o romance acaba se aproximando mais ainda da narrativa histórica que, em geral, opta por tal tipo de procedimento em sua escrita. Ainda no mesmo âmbito, cabe destacar que é constante, em romances históricos, a tendência à ficcionalização de grandes momentos históricos. Quanto às questões estruturais dos romances históricos, é comum que, na maior parte deles, a narração ocorra em terceira pessoa e busque, em certa medida, simular um distanciamento e uma imparcialidade em relação aos mesmos, herança do discurso histórico, que buscava uma neutralidade.

Outros elementos caracterizadores estariam relacionados à escolha das personagens que teriam como base constitutiva uma relação com dados históricos observáveis. Em geral, para Lukács (2007), o “herói” dos romances históricos trata-se de um *gentleman* inglês de porte médio, que beira a mediocridade, pois, quanto ao seu caráter, possui grau médio de inteligência prática, porém nada grandioso; possui também uma firmeza, no que tange a sua moral e a sua honestidade. As características citadas aproximam-se do sacrifício, mas não chegam ao nível de uma paixão humana grandiosa ou de uma devoção com entusiasmo, ligada a uma grande causa; em geral, essas “causas” referem-se às crises históricas, visto que elas são levadas à literatura, pelo escritor, com frequência.

Também existe a presença de personalidades históricas nos romances do gênero teorizado por Lukács (2011), o que, aliás, é outra característica sua; porém, elas são apenas citadas na construção narrativa e, em geral, não são protagonistas, tampouco possuem destaque, mas se encontram presentes para integrar o pano de fundo das narrativas históricas. Mesmo sem ter grande espaço nas obras analisadas, são necessárias para legitimar os fatos históricos ficcionalizados nas narrativas literárias.

Ainda no tocante às personagens, segundo o teórico húngaro, Scott permite que “as personagens importantes surjam a partir do ser da época, jamais explicando a época a partir de seus grandes representantes, como faziam os adoradores românticos dos heróis” (LUKÁCS, 2011, p. 56). Por essa razão, elas jamais serão as protagonistas do enredo, uma vez que a apresentação do “ser da época”, de forma ampla e múltipla, somente pode emergir diante da representação da vida cotidiana do povo, das alegrias e das tristezas, bem como também diante das crises e das desorientações dos homens considerados medianos.

A possibilidade de que leitores de diferentes épocas façam a leitura de um mesmo romance histórico é um dos elementos que se destaca, segundo o teórico húngaro; decorre disso a preocupação de que haja uma humanização autêntica das personagens, e de que os conflitos sejam conectados e engajados com a realidade histórica, buscando uma “fidelidade” diante dos fatos ocorridos para que, no futuro, eles cheguem ao leitor de outro tempo com o máximo de “veracidade”, conforme aponta Lukács (2011). Ao lado da busca pela veracidade e integridade dos fatos passados há também a “tentação” de se atingir uma totalidade dos acontecimentos, isso por conta do grande risco de se crer que somente se é fiel aos fatos históricos através dessa possível totalidade.

Nota-se um tom exaltatório nas constatações que Lukács (2011) faz acerca das obras de Walter Scott, o que pode ser constatado pelo amplo espaço que o romancista ocupa no estudo, considerando tratar-se de uma obra de cunho teórico/historiográfico e que abarca outros romancistas, mas nenhum com tanto destaque quanto este. A adjetivação que Lukács utiliza para referir-se às características dos romances scottianos e à obra dele como um todo reforçam a posição de prestígio do romancista inglês.

Lukács aponta um possível motivo para o começo da escrita do romance histórico, relacionando-o à Revolução Francesa e afirmando que o objetivo

maior do campo ficcional, ao realizar as figurações das crises históricas pertencentes à vida nacional, é:

mostrar a grandeza *humana* que se desnuda em seus representantes significativos a partir da comoção de toda a vida da nação. Não há dúvida de que, consciente ou inconscientemente, a experiência da Revolução Francesa despertou essa tendência na literatura. (LUKÁCS, 2011, p. 70)

Ainda no que se refere às questões em debate, o teórico acrescenta que a grandeza dos períodos de crise da humanidade repousa no fato de que algumas “forças ocultas permanecem latentes no povo e só necessitam de uma ocasião que as deflagre para vir à tona. A necessidade épica da reimersão dessas figuras após cumprirem sua missão heroica sublinha justamente a universalidade desse fenômeno” (LUKÁCS, 2011, p. 72). No entanto, segue afirmando que, por meio das revoluções (grandes épocas da humanidade), ocorreram os movimentos de ascensão das capacidades humanas e, ainda, Scott, por conta da “figuração humana e histórica”, dá vida à história, ou seja, representa-a “como uma série de grandes crises” (p. 72).

Na concepção humana e moral das personagens dos romances históricos, consegue-se conservar a fidelidade aos fatos históricos; assim, é possível, segundo Lukács (2011), considerar que as contradições em torno de determinados acontecimentos ocorrem, em geral, nas obras mais bem-sucedidas, “no quadro da dialética objetiva de determinada crise histórica” (p. 80). Dessa forma, é igualmente possível destacar que Lukács não pensava que a criação de personagens excêntricas seria adequada a esse tipo de romance.

A partir da teorização de Lukács (2011) acerca do romance histórico, infere-se que muitas das características apontadas podem ser observadas em romances da literatura sul-rio-grandense. Tal percepção é possível à medida que existe uma tradição de produção constante de romances

históricos no Rio Grande do Sul, em especial, aqueles contendo fatos da história do próprio Estado, como a Revolução Farroupilha e a Revolução Federalista.

Seymour Menton publica, em 1993, a obra *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*, a qual se mostra relevante ao presente estudo, pois Menton apresenta uma série de características do que se pode considerar um novo romance histórico (ou, no idioma original de sua publicação, “la nueva novela histórica”), uma vez comparadas ao estudo realizado por Lukács, em 1954.

O próprio Menton (1993) busca respostas para distinguir o romance histórico tradicional do novo, ao se questionar: “¿cómo se distingue la Nueva Novela Histórica de las anteriores?” (p. 35). Dentre as novelas históricas anteriores, pode-se pensar em Walter Scott; enquanto representantes das novas, destacam-se as de autoria do cubano Alejo Carpentier, em especial, *El reino de este mundo* (1949). Menton (1993) acredita que, a partir dessa obra, algumas mudanças já puderam ser observadas no gênero literário em questão.

Os teóricos que se ocupam do romance do “posboom” averiguaram que, de fato, há um predomínio do novo romance histórico desde 1979. Alguns dos fatores que estavam ocorrendo no período eram, segundo Menton (1993), “el afán muralístico, totalizante; el erotismo exuberante; y la experimentación estructural y lingüística (aunque menos hermética)” (p. 30), acontecimentos que, de certa forma, contribuíram para as modificações desse gênero romanesco.

Menton (1993) sublinha que, mesmo com a data de 1979 sendo considerada a oficial, com relação ao começo das modificações no gênero, haviam sido publicadas, poucos anos antes, obras com as mesmas características encontradas nos romances históricos de 1979 em diante, como, por exemplo, *Yo el Supremo*, de Augusto Roa Bastos (1974) e *Terra*

nostra, de Carlos Fuentes (1975). O teórico ressalta ainda que os dois exemplos podem ser considerados paradigmáticos, pois representam dois extremos, visto um ser predominantemente histórico e o outro, ficcional.

Ao buscar uma definição para a expressão romance histórico, Menton (2003) preocupa-se em diferenciá-la da “Nueva Novela Histórica”. Segundo ele, em um sentido amplo, todo o romance é histórico, visto que, em maior ou menor grau, ele capta o ambiente social em que estão inseridas suas personagens, inclusive as mais introspectivas. Mas o teórico se apoia em Lukács (2011) para afirmar que, ao se realizar a análise a partir da proliferação dos romances históricos latino-americanos, é preciso “reservar la categoría de novela histórica para aquellas novelas cuya acción se ubica total o por lo menos predominantemente en el pasado, es decir, un pasado no experimentado directamente por el autor” (MENTON, 1993, p. 32). E, com mais precisão, afirma que o conceito mais adequado, para seu estudo, é o de Anderson Imbert, datado de 1951, escolha assim justificada:

Puesto que uno de los objetivos principales de este libro es comprobar el predominio desde 1979 (o 1975) hasta 1992 (o después) de la Nueva Novela Histórica por encima de la novela telúrica, la psicológica, la magicorrealista o la testimonial, la definición más apropiada es la de Anderson Imbert, que data de 1951: “Llamamos ‘novelas históricas’ a las que cuentan una acción ocurrida em um época anterior a la del novelista” (MENTON, 1993, p. 33).

Com isso, percebe-se que um dos pontos principais para a caracterização do novo romance histórico, conforme Menton (1993), é o fato de as ações integrantes da obra ficcional terem ocorrido em uma época anterior ao tempo em que vive o romancista que o escreve. Posto isso, ele exclui alguns tipos de romances de sua definição:

Por lo tanto, de acuerdo con esta definición, quedan excluidas de este estudio algunas novelas archiconocidas, a pesar de sus dimensiones históricas, por abarcar al menos parcialmente un periodo experimentado directamente por el autor. [...] También se excluyen aquellas novelas que versan sobre varias generaciones de la misma familia [...] porque la generación más joven coincide con la del autor (MENTON, 1993, p. 33-34).

As exclusões promovidas por ele se dão no sentido de que determinadas obras, de algum modo, poderiam coincidir com um período vivido pelo autor. Porém, segundo o teórico, o mais difícil é justificar a exclusão da categoria de romance histórico daquelas obras em que os narradores ou, ainda, as personagens estão ligadas ao presente ou a um passado recente, mas a temática seja a recriação da vida e dos costumes de uma personagem distante.

Menton (1993) trata do romance histórico tradicional, o qual, segundo ele, teve sua vigência entre os anos de 1826 e 1949. Acerca desse gênero, relata que o mesmo volta ao século XIX e se identifica, em especial, com o Romantismo, mas conseguiu evoluir no século XX, dentro da estética do Modernismo. No que se refere às influências recebidas, afirma haver uma inspiração vinda de Walter Scott, mas também das crônicas coloniais, bem como do teatro da “Idade de Ouro”, iniciado por Jicoténcal (1826). Tendo em mente a finalidade das obras do referido gênero, o teórico afirma que

la finalidad de la mayoría de estos novelistas fue contribuir a la creación de una conciencia nacional familiarizando a sus lectores con los personajes y los sucesos del pasado; y a respaldar la causa política de los liberales contra los conservadores, quienes se identificaban con las instituciones políticas, económicas y religiosas del periodo colonial (MENTON, 1993, p. 36).

Destaca-se a primeira das finalidades, que consiste, basicamente, na criação de uma consciência nacional, na qual se objetiva que as personalidades

do passado histórico sirvam de exemplo positivo para as pessoas de determinado grupo que vivem no presente. Eis uma finalidade vivenciada, por um longo período, na tradição dos romances históricos escritos no Rio Grande do Sul, em especial, os que tratam da Revolução Farroupilha, visto que os escritores buscavam no referido episódio histórico os “heróis” que serviriam de inspirações positivas aos leitores, a exemplo de Bento Gonçalves (o líder farroupilha). Tal fato sofre mudanças juntamente com a mudança do gênero romance histórico, uma vez que, após 1979¹, continuou se produzindo romances em torno da Revolução Farroupilha, porém, com a intenção de olhar o passado de forma crítica e não apenas enaltecida. Outras obras literárias podem ser destacadas na literatura sul-rio-grandense, dentre as que tratam do evento histórico em destaque: *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, *Netto perde sua alma e Varões Assinalados*, de Tabajara Ruas, *Os farrapos*, de Oliveira Belo, *A revolução farroupilha*, de Alcy Cheuiche e outras.

Para retomar a discussão em torno do nascimento da “nueva novela histórica”, o teórico coloca que, independentemente do ano exato de seu início, os autores que estiveram de fato envolvidos nesse movimento de mudança do gênero foram Alejo Carpentier, Jorge Luis Borges, Carlos Fuentes e Augusto Roa Bastos. Menton (1993) entende que, a partir das obras dos autores citados, é possível identificar, numa comparação com o romance histórico tradicional, um conjunto de seis características encontradas nas “nuevas novelas históricas”, ressaltando não ser preciso que todas estejam presentes na obra para que seja considerada pertencente a esse gênero.

A primeira característica está relacionada à subordinação, em graus diferentes, à reprodução mimética de determinado período histórico para a apresentação de ideias filosóficas (inicialmente, em contos do escritor

Borges), as quais são aplicáveis a todos os períodos do passado, do presente e do futuro. Ainda conforme o teórico, as ideias que se destacam são a impossibilidade de conhecer a verdade ou a realidade histórica, o caráter cíclico da história, paradoxalmente, o caráter imprevisível da mesma.

A segunda característica elencada por Menton (1993) diz respeito à distorção consciente da história, mediante suas omissões, exageros e anacronismos. A terceira está voltada à ficcionalização das personagens históricas, sendo, inclusive, feita uma comparação com Lukács:

La ficcionalización de personajes históricos a diferencia de la fórmula de Walter Scott – aprobada por Lukács – de protagonistas ficticios. [...] mientras los historiadores del siglo XIX concebían la historia como resultado de las acciones de los grandes emperadores, reyes u otros líderes, los novelistas decimononos escogían como protagonistas a los ciudadanos comunes, los que no tenían historia. En cambio, mientras los historiadores de orientación sociológica de fines del siglo XX se fijan en los grupos aparentemente insignificantes para ampliar nuestra comprensión del pasado [...] los novelistas de fines del siglo gozan retratando *sui generis* a las personalidades históricas más destacadas. (MENTON, 1993, p. 43)

Assim, no novo romance histórico, as personagens, em geral, são baseadas em figuras de grandes líderes de revoluções ou guerras passadas. Pode-se entender a questão da construção das personagens como uma nova forma de construção de mitos. Nessa perspectiva, a literatura sul-rio-grandense apresenta certa tradição, uma vez que muitas de suas obras literárias, em especial, no começo da produção literária do Estado, buscavam construir mitos em torno de “grandes heróis” da história do Rio Grande do Sul; fato que os escritores das obras literárias mais contemporâneas vêm revendo, como é o caso de Assis Brasil, que busca, justamente, fazer o movimento contrário: em *A prole do corvo*, há um processo de desmitificação de personalidades históricas, por exemplo, através da personagem Bento Gonçalves apresentada na narrativa.

¹ Esclarece-se que o ano em destaque não é tomado, no presente estudo, como marco absoluto; apenas faz-se tal menção para fins de comparação com o estudo de Menton (1993), que aponta o ano de 1979 como definitivo para a modificação no gênero romance histórico.

A quarta característica está relacionada à metaficção, mais precisamente, ao fato de o narrador tecer comentários sobre o processo de escrita da obra. Como quinto item, tem-se a intertextualidade e, ao final, a última das características refere-se aos conceitos bakhtinianos acerca do dialogismo, do carnavalesco, da paródia e do metatexto. Após apresentar todas as características mencionadas, o teórico reitera que, além das mencionadas, o novo romance histórico se distingue do tradicional por sua maior variedade.

Algumas possibilidades para o auge do novo romance histórico ter ocorrido no final dos anos de 1970 são igualmente apontadas pelo teórico. Segundo ele, um dos motivos é o predomínio de autores respeitados há mais de quatro gerações literárias, em sua maioria pertencente à América Latina. Menton (1993) ressalta, no entanto, que o Chile constitui uma exceção, visto preocupar-se com o “passado imediato”. Outra motivação, segundo o teórico, diz respeito à variedade de romances históricos no período de 1979 a 1992:

Puesto que hay tanta variedad entre las novelas históricas publicadas entre 1979 y 1992, las nuevas al igual que las tradicionales, es imposible atribuir la proliferación de todo el subgénero a una sola causa específica o aun a una serie de causas específicas. Una actitud más prudente consiste en proponer y comentar tantos factores como sea posible, con la advertencia de que todos los factores no se pueden aplicar a todas las novelas (MENTON, 1993, p. 47-48).

A partir disso, ele aponta outros elementos para a crescente publicação do gênero: “a mi juicio, el factor más importante, en estimular la creación y la publicación de tantas novelas históricas en los tres últimos lustros ha sido la aproximación del quinto centenario del descubrimiento de la América” (MENTON, 1993, p. 48). Entende como outra motivação para o ocorrido o “redescubrimiento académico de la literatura colonial, que en algunos casos se viene estudiando junto con la novela histórica” (p. 54). Por fim, a última razão seria que, durante as décadas de 1970 e 1980, os professores de

história demonstravam maior predisposição a inserir romances históricos entre os textos obrigatórios em seus cursos.

1 *A prole do corvo: gêneros em conflito*

A Revolução Farroupilha ocorrida no Estado sulino no século XIX é um dos elementos utilizados pelo romancista Assis Brasil para desenvolver sua narrativa, podendo-se perceber que o enredo está situado temporalmente nove anos após o começo deste conflito bélico: “Cada maluco, nesses nove anos de guerra! / Cássio levanta os loros e desprende o alforje, tirando de dentro um cantil” (ASSIS BRASIL, 1978, p. 42).

O romance tem seu início no ano de 1844 e desenvolve-se até 1845; assim pode-se observar que há nessa obra a presença de uma característica do romance histórico tradicional, qual seja, a linearidade cronológica dos acontecimentos. A marcação temporal ocorre pelas referências a alguns meses do ano e, conforme visto na citação anterior, a guerra já tem nove anos de andamento e é através das marcações de anos e meses, na passagem do tempo, bem como das estações do ano, que se tem acesso ao período narrado no romance, o qual trata exclusivamente do último ano da Guerra dos Farrapos.

Quanto às questões discursivas envolvidas na construção do romance, observa-se que o discurso constituinte da história é bastante próximo daquele que envolve o romance histórico tradicional, na perspectiva de Lukács (2011), uma vez que o discurso histórico e o literário seguem uma linearidade temporal no discurso. Assim, a narrativa de Assis Brasil apresenta essa característica, uma vez que há coerência da linearidade no modo como os acontecimentos são narrados.

As protagonistas do romance em estudo, Filhinho e Laurita, não apresentam relação com discursos históricos relacionados à Revolução

Farroupilha. As personalidades históricas são utilizadas na obra ficcional, em geral, apenas para reafirmar os fatos narrados. No caso de *A prole do corvo*, porém, o narrador não utiliza as personalidades históricas apenas com tal intenção, à medida que se aproveita delas para dessacralizar o evento histórico narrado e, por vezes, utiliza ainda um tom de ironia para tanto.

Bento Gonçalves e David Canabarro são exemplos desses vultos, por constituírem personalidades históricas citadas ao longo da narrativa, porém em destaque em termos do protagonismo na obra, conforme expõe Lukács (2011) em seu estudo. Na perspectiva do húngaro, personagens históricas apenas deveriam integrar o pano de fundo da narrativa para corroborar com o fato histórico narrado, no sentido de dar “veracidade” a ela. Nesse sentido, há uma diferenciação na construção das personagens de Assis Brasil, pois embora elas não sejam protagonistas, também não representam apenas parte integrante de um pano de fundo da história, visto que seus papéis, em especial, o de Bento Gonçalves, são de grande valia para a narrativa e essenciais no propósito de dessacralização de um movimento como o da Revolução Farroupilha.

A personagem Chicão Paiva mostrou-se, em um primeiro momento, favorável aos farrapos, prestando uma homenagem ao líder do movimento ao nomear um de seus filhos de Bento. Porém, no decorrer da narrativa, o posicionamento da personagem mostra-se diverso, chegando ao extremo de ele tornar-se contrário aos ideais farrapos, o que fica evidente no momento, por exemplo, em que ele manda que tirem o “retrato” do general farrapo da sala: “me tirem a cara desse ordinário daí de cima, antes que dê mais azar!” (Assis Brasil, 1978, p. 150). Mesmo não concordando mais com os farrapos, Chicão manda seu filho para lutar ao lado deles na revolução, decisão tomada pelo coronel após os homens de Bento Gonçalves irem até sua estância para pedirem uma doação de cavalos. Negando-se a colaborar economicamente com seus animais, acaba, no entanto, aceitando a sugestão

de major Firmino para colocar o filho alcunhado de “Filhinho” à disposição do “exército republicano”. Logo, alistar o filho não representou apoio à causa dos farrapos, mas sim uma questão de economia, já que a doação dos cavalos lhe causaria um prejuízo financeiro maior do que a partida do filho.

A prole do corvo apresenta alguns detalhes históricos, nos quais, entretanto, não se detém muito, preocupando-se mais em mostrar como o indivíduo, especialmente através da figura de Filhinho, reage à guerra, apresentando ainda críticas quanto às consequências da mesma nas características interiores das personagens:

– Está aí um dos casos que sempre comento – fala a Meireles e Firmino. – A quem sabe aproveitar, a guerra enriquece, sempre. Chicão foi um deles, saiu da briga quando ainda tinha uns patações. É como num jogo de bisca, não se deve esperar que acabe – o melhor é abandonar na metade, quando se tem o poncho forrado. É um grande negócio, a briga. Mas os bobalhões, como nós, morrem na miséria.

Firmino acha que não, com todo respeito que lhe merecem as ideias de um superior. Há um ideal, no caso, a república, a federação, há o Bento Gonçalves. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 62)

Embora o major Firmino esteja diretamente envolvido na guerra, ele demonstra alguns sentimentos de discordância com relação ao seu superior; porém, não os externa, pois o leitor só tem acesso a eles através dos comentários tendenciosos do narrador intruso.

Assim, segue a crítica, envolvendo questões de ordem político-econômica em torno dos farroupilhas. Conforme a citação, menciona-se o fato de se saber usufruir da guerra para tirar proveitos financeiros e, como se observa na conversa entre as personagens Meireles e Firmino, o coronel Chicão teria sido um dos estancieiros que soube sair da guerra na hora certa, com o “poncho forrado”. Enquanto apoiou os farroupilhas, o coronel conseguiu manter sua fazenda e ainda comprar uma quantidade significativa de

cavalos; porém, pode-se pensar que, após ter alcançado certa estabilidade nas finanças, Chicão não mais apoiou os farrapos. Talvez isso explique, em certa medida, o comportamento dele diante do major Firmino, quando este decide recrutar Filhinho para a guerra, pois Chicão, ao mesmo tempo em que não queria desfazer-se de seu patrimônio adquirido em prol da revolução, por outro lado, também não queria ficar em posição conflituosa diante de Bento Gonçalves, pelo fato de ter a revolução sido benéfica ao fazendeiro.

Tem-se no narrador de *A prole do corvo* um olhar crítico dirigido ao cenário de ganância que envolve a guerra, pois, caso ele não pretendesse expor (ou denunciar) esse tipo de atitude, teria de omitir suas opiniões e comentários, algo que ele não faz. Dessa forma, o narrador do romance apresenta-se na terceira pessoa do discurso, tal como percebido pelo teórico húngaro nos romances considerados históricos; ainda segundo ele, dessa forma seria possível simular um distanciamento e uma imparcialidade, procedimentos herdados do discurso histórico. A narrativa demonstra contemplar, portanto, em certa medida, tal característica, como, por exemplo, é possível observar na seguinte personagem:

Cássio diz que naquelas bandas não tem muito conhecimento, se fosse pro lado de Triunfo bem que sabia dizer tudo, até quantas cabeças de gado o estancieiro tinha roubado dos vizinhos, mas aqui, nesse ermo, não arrisca um engano. É, como pode ver, muito rico, olha essas pedras caiadas de branco: só gente rica tem esse cuidado. Na estância de seu pai nunca foram desses luxos, quem dera tivessem um pedaço de charque todos os dias (ASSIS BRASIL, 1978, p. 99).

Considera-se que tal modo de narração se dá no romance de Assis Brasil, em alguns segmentos, em terceira pessoa através de um discurso que beira a imparcialidade; porém, em outros momentos da narrativa, observa-se uma intrusão por parte do narrador, principalmente no que tange à exteriorização do pensamento de algumas personagens e à emissão de opiniões sobre as mesmas. Nesse aspecto, a narrativa apresenta certa distância da proposta

de romance histórico pensada por Lukács (2011), pois ele não aponta a existência, por parte do narrador, de qualquer tipo de crítica ou julgamento, tanto das personalidades históricas quanto do fato narrado em si.

Inicialmente o foco narrativo da obra pode ser considerado o momento da busca pela imparcialidade, com um narrador em terceira pessoa apenas. Um exemplo é quando ele descreve o instante em que Laurita irá pedir maior prazo ao coronel Fagundes para que seu pai (coronel Chicão) possa pagar uma dívida:

Na matriz de Nossa Senhora dos Prazeres bate justamente meio-dia quando chegam à frente da loja no Neves. É uma casa de dois andares, pintada de amarelo e com janelas de rótulas, ladeada por um portão. A rua está em movimento, e uma carreta geme as rodas mal engraxadas, conduzida por um escravo que tira respeitosamente o enorme chapéu de palha. A casa de comércio tem apenas meia porta aberta; é pela parte de cima que atendem os fregueses dessa hora. Laurita bate palmas, e um moço pálido surge da penumbra, olhando-as com curiosidade (ASSIS BRASIL, 1978, p. 84).

Nessa ambientação do espaço, o narrador utiliza-se, portanto, de recursos que remetem a uma imparcialidade, embora aparente, pois não emite comentários nem faz julgamentos acerca do que descreve, apenas observa e repassa ao leitor as informações.

Por outro lado, mesmo que permaneça o discurso em terceira pessoa, há uma diferenciação em algumas passagens, nas quais, ainda que sendo narrado desse modo, há uma intromissão e, por vezes, uma crítica do narrador frente aos acontecimentos ao longo da obra:

Filhinho alivia-se, porque João Inácio não insiste no assunto do soldado morto, como quem encerra uma conversa da qual se chegou à conclusão alguma. É um dia de céu muito azul, no alto os corvos fazem seu voo lento e macio. Nesse dia não era para haver guerra, nem soldados mortos, nem soldados prisioneiros, como aqueles que vê, sujos, quase nus, obrigados a puxar duas pipas de água.

Mas, ao mesmo tempo estão vivos, e não embaixo da terra como aquele índio. Mas morreu por uma fatalidade, e porque estava na guerra. Se não quisesse morrer que não viesse, pombas! Os corvos giram em largos círculos, às vezes sumindo-se numa nuvem mais baixa e cada vez surgem mais, como se de cada um nascessem outros dez. Não, se o Filhinho não estivesse naquela hora para aparar o índio na ponta da espada, feito carneador que abre um boi, o índio hoje não estava com a boca entupida de areia, sentindo na carne as agulhadas que dão os vermes no chão. Essa é a verdade, e Laurita há de pagar por ele estar se remoendo, porque se não fosse ela estar de regabofes naquela noite de chuva e ele não tivesse visto nada, e se ela tivesse impedido seu macho de falar com o Paulino e se o bobalhão do vigário tivesse talvez conversado com o pai, merda, se não fosse tudo isso, ele poderia estar refestelado em Santa Flora, dormindo nos lençóis de Siá Dona e não metido nisso que não sabe nem o fim nem o começo (ASSIS BRASIL, 1978, p. 96-97).

Tem-se, nesse ponto da narrativa, uma longa reflexão do narrador, na qual ele chega a apontar culpados por Filhinho estar envolvido na guerra, como Laurita e o padre Francisco. A linguagem utilizada pelo narrador, nos momentos de intromissão, difere um pouco da usada no restante da obra, por conta de um vocabulário com palavras mais utilizadas na linguagem oral, a exemplo de “regabofes”, “merda”, “refestelado”; beira, por vezes, até mesmo, um tom mais agressivo e contundente.

Também há momentos em que esse tipo de narração cede espaço à introspecção de determinadas personagens, em especial, aos protagonistas Filhinho e Laurita. Assim, uma narração onisciente tradicional, em terceira pessoa, consegue invadir o pensamento das personagens, como na passagem em que Laurita espera Filhinho voltar da guerra, mostrando um caminho de busca da exteriorização dos sentimentos das mencionadas personagens:

Cessaram há muito os estampidos, Laurita pensa: é minha hora. Senta-se na cama, vendo como a primeira claridade do dia entra pelas frestas da janela, fazendo riscos nítidos e brilhantes na parede, indo de encontro ao espelho da cômoda, dividindo-se em pequenas frações de luz, que se esparramam pelo chão, pelo armário, por seus braços. Respira, enchendo o peito: é chegada minha hora (ASSIS BRASIL, 1978, p. 183).

Laurita percebe o fim dos sons de tiros e bombas oriundos da guerra, que havia chegado a Aguaclara (cidade em que está situada Santa Flora, fazenda da sua família) naquele momento e, com isso, ela acreditava ser a hora de Filhinho retornar à fazenda. Desse modo, é possível notar uma preocupação com os sentimentos das personagens envolvidas nos conflitos que compõem a narrativa, tanto os relacionados à guerra quanto à fazenda.

Dos conflitos da guerra, pode-se destacar o receio diante da morte, demonstrado pelo protagonista Filhinho, somado ao seu pavor diante de ações de violência cometidas por alguns colegas de batalhão. Um dos exemplos que pode ser citado é o momento em que Cássio fica descontrolado e estupra uma mulher grávida, mesmo com todos ao seu redor lhe dizendo para não o fazer, inclusive Filhinho.

Embora Filhinho tenha lutado com Cássio, inclusive fisicamente, para que este não cometesse o ato de violência contra a gestante, o seu companheiro o fez. Após perceber que não tinha como impedi-lo de agir contra a mulher, Filhinho ficou atrás da porta, vigiando-os. Ao ver as pernas da gestante descobertas, ele lembrou-se de Laurita, em Santa Flora, e acabou obtendo prazer sexual masturbando-se, tal como fazia na fazenda, provavelmente pensando em sua irmã.

Ao final da obra, percebe-se a existência, na narrativa, de apenas um conflito, pois ambos os núcleos da narrativa (Santa Flora e guerra) têm suas temáticas focadas em questões como, por exemplo, o medo da finitude (com as mortes que a guerra pode causar), a espera e o desejo de rever as pessoas amadas (por isso, o desejo pelo fim da guerra), a preocupação com o próximo diante de situações de risco e outras tantas envolvidas na narrativa. Tal característica é uma diferenciação em relação à teoria lukacsiana, já que nesta não havia de fato uma preocupação com os sentimentos do indivíduo.

Apesar de a obra de Assis Brasil apresentar diversas características apontadas nos estudos de Lukács (2011), ela não pode ser vista apenas como

um romance histórico tradicional. Isso porque apresenta, ao mesmo tempo, uma série de elementos que remetem ao que Menton (1993) chamou de novo romance histórico. Isso mostra a inovação de Assis Brasil, ao mesclar características do gênero romance histórico, teorizado inicialmente pelo teórico húngaro, mas que foi se expandindo e modificando com o aprofundamento dos estudos na área.

Adentra-se, então, nos estudos de Menton (1993), no âmbito do novo romance histórico, o qual também possui alguns pontos observados no referido romance. Inicialmente, Menton (1993) destaca como uma das características do novo romance histórico a distorção consciente de fatos históricos representados na narrativa. Essa questão pode ser aproximada da subversão do mito segundo o qual os homens farrapos eram representados sempre como bravos e guerreiros. Na obra em estudo, pode-se perceber que, na verdade, eles são como todo ser humano, ou seja, possuem medos, fragilidades, traumas, raiva, amor:

– Olha o relógio. – Duas horas! Se não der ponto logo, é melhor abandonar essa carroça. – Numa dessas vê o soldado que mandara chamar, vem com a cabeça enrolada em tira de pano, e o dólma enorme esconde todo o resto da sua figura, de modo que parece mais um uniforme que anda sozinho.
 – Mandou chamar, coronel? – Apesar de perfilado, o soldado balança o corpo, parece não se aguentar nas pernas.
 – Mandei, queria saber a história do índio.
 Filhinho levanta os braços em cruz, as mangas tapam as mãos, a voz sai pequena e assustada: ah, coronel, pois eu nem dei. Naquela confusão toda, ele veio caindo, eu levantei a espada, ele enterrou na barriga, eu (ASSIS BRASIL, 1978, p. 98-99).

Aqui se notam marcas de decrepitude do protagonista, retratadas através do seu aspecto físico, como é o caso do dólma, grande demais para seu corpo franzino. Desse modo, o herói da narrativa, Filhinho, configura uma visão distorcida do herói farrapo, representado ao longo de uma tradição de

escritas historiográficas, como um ser de virtudes elevadas e do qual não se espera um uniforme maior que seu corpo.

Menton (1993) ressalta que, ao contrário do apontado por Lukács (2011), há uma ficcionalização de personagens históricos, passando os mesmos a serem os protagonistas da obra. Nesse romance de Assis Brasil, isso não ocorre: embora haja a presença de alguns nomes de personalidades que participaram de fato da guerra, estas possuem papel coadjuvante dentro da narrativa.

Outra característica que pode ser percebida na leitura do romance de Assis Brasil é a metaficção, identificada nos comentários irônicos ou julgamentos sobre as próprias personagens, feitos pelo narrador. Ao realizá-los, ele acaba deixando claro ao leitor que este está diante de um texto literário e não de um texto histórico, no qual dificilmente emitiria comentários: “E o padre Francisco Antônio, a essa hora tomando chá que a irmã lhe traz, as pernas enroladas num cobertor macio, vendo o gato tomando sol na janela; não deve estar pensando na guerra, nem em Filhinho.” (Assis Brasil, 1978, p. 123). Evidencia-se uma crítica feita pelo narrador ao padre e ao seu comportamento diante da guerra, pois a postura por ele assumida parece ser a de alguém que não está preocupado com o conflito vigente naquele momento, visto que ele se encontra bebendo chá, em uma posição de descanso.

O fato de o protagonista da obra ter acesso às informações relacionadas à revolução através da leitura de jornais feitas por um padre faz parte do conjunto de elementos dessacralizadores do “herói” desse romance histórico. Tal elemento não está entre as características levantadas por Lukács (2011), mas Menton (1993) a inclui entre as que ele acredita estarem presentes em grande parte do referido gênero, podendo-se inferir tratar-se de uma modificação do gênero. Esse aspecto diferenciador ocorre pelo fato de o protagonista (ou “herói” da narrativa) não saber ler, considerando que o ato da leitura é uma das capacidades humanas ligadas ao desenvolvimento

intelectual do indivíduo; com isso, infere-se que Filhinho apresenta um baixo nível cultural, fato que contribui para o conjunto de elementos que o tornam um herói dessacralizado.

Ainda no que se refere aos elementos dessacralizadores, paródicos e/ou irônicos que a narrativa de Assis Brasil apresenta, pode-se mencionar o general Bento Gonçalves, o qual, embora não seja o protagonista do romance, possui um papel bastante relevante na narrativa. Tal relevância se dá à medida que, através da construção desse, percebe-se um tom paródico em algumas passagens do romance, como, por exemplo, na que segue:

Bento Gonçalves despede o capitão, batendo-lhe amistosamente no ombro; diz algo para dentro da barraca e vem a ordenança, que recolhe o urinol e entrega uma pequena bacia e um estojo, retira de dentro um pincel de barba e uma navalha; molha o pincel na bacia e passa-o no rosto, espalhando espuma e, com o dedo fino, contorna os lábios, removendo as sobras; abre a navalha, examina o fio, assenta-a na palma da mão, enquanto os olhos, melancolicamente alçados, seguem o voo manso de um corvo (ASSIS BRASIL, 1978, p. 121).

Assim, tem-se uma visão do general farroupilha em posições bastante diferenciadas daquelas que o discurso historiográfico tradicional costuma fornecer. O fato corrobora para a paródia que se estabelece na obra, uma vez que há uma espécie de deformação nos textos preexistentes sobre Bento Gonçalves.

Na perspectiva de Seymour Menton (1993), para que uma obra literária seja considerada um novo romance histórico, não precisa preencher todas as características por ele elencadas; sendo assim, é possível pensar em *A prole do corvo* como um romance pertencente a tal gênero, visto que ele apresenta algumas das características discutidas. Por outro lado, o referido romance também possui características do romance histórico tradicional, teorizado por György Lukács, o que torna difícil sua categorização em apenas um dos gêneros relacionados ao romance histórico.

Os estudiosos do romance histórico tradicional e do novo romance histórico diferem quanto à criação das personagens, uma vez que Lukács (2011) concebe apenas as personagens não vinculadas a discursos históricos oficiais como protagonistas, enquanto Menton (1993) defende a ficcionalização de personalidades históricas como protagonistas. Não se trata do caso do romance de Assis Brasil, mas de outros tantos novos romances históricos, inclusive sul-rio-grandenses.

Para Lukács (2011), os princípios básicos do romance histórico seriam a ação do romance ocorrer em um passado anterior ao presente do escritor, tendo como pano de fundo um ambiente histórico rigorosamente reconstruído, no qual figuras históricas ajudam a fixar a época, agindo conforme a mentalidade de seu tempo. Sobre o pano de fundo histórico, por sua vez, deve situar-se a trama fictícia, com personagens e fatos criados pelo escritor. Por fim, para ele, o romance é epopeia de ascensão burguesa e o romance histórico seria sustentado pelo senso do progresso; porém, em *A prole do corvo*, ocorre justamente o contrário, pois há uma queda do protagonista durante a sua trajetória no interior da obra.

2 Um tom intimista no romance histórico

A narrativa de *A prole do corvo* apresenta-se em terceira pessoa, porém oscila entre dois focos narrativos, conforme mencionado. O primeiro deles pode ser percebido em momentos em que o narrador segue seu discurso, buscando obter certo distanciamento, apenas contando os fatos de fora. O segundo deles se dá em passagens nas quais o narrador invade o pensamento das protagonistas, Filhinho e Laurita, quando essas estão fazendo algum tipo de reflexão, em especial, em relação à guerra e aos seus sentimentos sobre ela. Isso pode ser verificado, por exemplo, após Filhinho matar um homem, sem compreender muito bem o motivo:

Por que não enterram esses infelizes, por que deixam até amanhã e como é que conseguem dormir a sono largo com todos esses defuntos por perto? Deveriam até levantar acampamento e ir pra outro lugar, longe desse arroio medonho. Mas o que procura é mais moço, e um grande ferimento deve empapar de sangue toda a barriga e, quem sabe, as tripas estão saindo. Subitamente a lanterna ilumina uma cabeça solta no chão, uma cabeça separada do corpo, cuja boca quer morder seu pé. Recua, agitando forte o lampião, não consegue conter um vômito de água, que sobe quente e ácido pela garganta. Está ali, sem conseguir mexer-se (ASSIS BRASIL, 1978, p. 92-93).

Filhinho passou a se preocupar constantemente com o destino do corpo do homem morto e vai procurar o cadáver; assim, o narrador consegue passar ao leitor o terror e o medo que Filhinho sente ao ver os corpos no chão espalhados, chegando ao auge do asco por aquele ambiente, ao vomitar quando encontra uma cabeça “separada do corpo” (p. 92). Esses sentimentos são íntimos e pouco explorados nas escritas de romances históricos de cunho mais tradicional, mas, Assis Brasil, com o narrador de seu romance, explora tal recurso, a fim de mostrar outra face dessa revolução.

Ao lançar esse outro olhar sobre um episódio histórico marcante do Rio Grande do Sul, rompe-se com a tradição dos romances históricos que, durante um longo período, conforme visto em estudos historiográficos literários, preocupavam-se em ainda corroborar o discurso histórico que via na Revolução Farroupilha e em seus vultos históricos mitos capazes de servir de exemplo para as pessoas que liam os respectivos textos. O romance de Assis Brasil, porém, vai na contramão dessa mitificação, ou seja, busca apontar ao longo da narrativa em estudo (e também de outras obras do autor) elementos capazes de fazer seu leitor (independentemente do tempo em que está inserido) refletir criticamente a questão da revolução e dos homens nela envolvidos. Com um narrador em terceira pessoa que se intromete no pensamento das personagens, tem-se, por exemplo, na passagem a seguir, uma crítica feita aos homens de patentes elevadas do exército:

Filhinho olha a barriga do oficial, procura palavras, mas um [sic] coleira de ferro prende a garganta, lembra-se vagamente de que no exército se deve respeitar os mais graduados, viu como o major tratou o infeliz do soldado, no outro dia. Fica com medo, engole em seco, e a massa volumosa, à sua frente, espera. Cássio lhe bate com a ponta da adaga no joelho, mandando que fale (ASSIS BRASIL, 1978, p. 45).

Filhinho sente-se acuado e com medo diante do oficial e, ao mesmo tempo, sem querer se pronunciar; Cássio, porém, insiste que ele fale, com vistas a que, assim, fique bem-visto com os seus superiores. Mesmo que, na maior parte das vezes, Cássio pareça favorável aos ideais farroupilhas, em um dos poucos momentos em que o narrador expõe o pensamento dessa personagem, a visão é bastante diferente da que se tem nas demais passagens da obra:

Cássio espreguiça-se todo, dá um bocejo e sai catando os arreios, que ajeita feito uma cama; apalpa bem para ver se está a contento, acende o cachimbo de espuma, ali fica, baforando. Conta muitas peleias. Desde o início da guerra, desde o vinte de setembro, tã guerra! Mas não sabe, não, o Bento Gonçalves já não é mais o mesmo. Passados nove anos, a fome vai apertando, os uniformes se estragando, a política degenerando. Ele mesmo, Cássio, agora briga porque está metido nisto, e pra falar ao certo, não vê bem a finalidade. Mas ele não quebra a cabeça, quem deve quebrar, quem deve, é os coronéis e os majores, e os capitães, e os tenentes e os cabos; porque é bom ser soldado, não precisa pensar, os outros é que resolvem tudo, dizem o que é bom e o que não é, resolvem que comer e o que vestir (ASSIS BRASIL, 1978, p. 49).

Observa-se, assim, que o soldado Cássio Andrade também tem suas restrições quanto aos acontecimentos da revolução e também julga o general Bento Gonçalves, pois acredita que ele não é mais o mesmo desde o começo da guerra. Também se observa a denúncia da precariedade das condições em que os soldados se encontram, quase sem ter o que comer, e os uniformes também não estão mais em boas condições, revelando, ao mesmo tempo que, assim como a comida e o uniforme, a política que envolve a guerra também

está se degradando. Após fazer todas essas reflexões críticas, a personagem Cássio, no mesmo instante, toma consciência de que não é um simples soldado quem deve se preocupar com tais questões, mas sim os homens de cargos mais elevados. As reflexões de Cássio Andrade são relevantes para o romance, pois conseguem mostrar o que um soldado com atitudes antagônicas às do protagonista Filhinho, pensa sobre si e, principalmente, sobre seu papel na guerra.

A obra de Assis Brasil, em análise, remete visualmente seu leitor a paisagens típicas de uma fazenda e a espaços que constituem e demonstram características dos seres presentes nele:

Filhinho dispara em direção à casa dos arreios, tranca a porta por dentro, fica no escuro, coração aos saltos. Encosta o ouvido na madeira, procurando ouvir as passadas do pai no alpendre. Nada, só um quero-quero pia longe, estríduo e solitário. Sente então o grato cheiro do charque, misturado com sebo e couro. Aspira profundamente, gosta desse cheiro forte (ASSIS BRASIL, 1978, p. 12-13).

Nota-se, na passagem destacada, referências a “arreios”, “alpendre”, “quero-quero” e “charque”, todos elementos que, de algum modo, remetem ao imaginário sul-rio-grandense. Pensando no tom intimista, possível de ser percebido nesta obra, nota-se que o pássaro constantemente encontrado na região, o “quero-quero”, está piando solitário; com isso, percebe-se que até nas descrições feitas da região o narrador busca, por vezes, uma melancolia bastante recorrente nas obras intimistas.

A paisagem do Rio Grande do Sul, com ar quente e difícil de respirar, pode ser comparada ao Estado de espírito das personagens do romance, visto que elas vivem sobre um “ar pesado” por conta da guerra que ocorre há nove anos no Estado. A chuva talvez possa ser pensada como um momento de trégua no calor e, ao mesmo tempo, comparada à guerra, pode ser vista como uma esperança de purificação.

Laurita, também protagonista do romance, vive diversos conflitos a partir do lugar onde está, como uma mulher que assume preocupações tradicionalmente pertencentes aos homens da fazenda, que a rodeiam, e, no entanto, enfrentam algo que os impede de tomarem decisões. Assim, ela assume diferentes papéis e tenta conciliar suas tarefas tradicionalmente consideradas ‘femininas’ com os afazeres ‘masculinos’ que precisa cumprir.

Enquanto muitas mulheres, em momentos de guerra, esperam pelos homens da casa (pai, marido, filho ou irmão), o papel de Laurita é suprir a falta dos mesmos, sem esperá-los para resolverem os problemas. O único homem que ela parece esperar ansiosa é seu irmão Filhinho. Destaca-se que a relação entre os irmãos antes da guerra chega a ser insinuada como uma relação de amor carnal, o que configuraria um incesto; o narrador, porém, nunca deixa explícita tal relação, apenas descreve tensas as aproximações entre Laurita e Filhinho na fazenda de Santa Flora.

O relacionamento entre os irmãos representa um papel bastante relevante dentro desse romance, pois trata-se de mais um exemplo do viés intimista da narrativa em questão, pois ela é capaz de mostrar como o indivíduo e seus sentimentos mais profundos colocam-se acima das questões sociais ou ainda históricas presentes na obra.

A constante presença de corvos na obra de Assis Brasil, a começar pelo título, aponta para uma reflexão do papel desse animal na atmosfera do romance. Inicialmente pode-se pensar que eles eram mensageiros das batalhas e, talvez, das mortes que as mesmas traziam naquela revolução, visto serem sempre referidos pelo narrador “girando no céu” no momento em que se inicia alguma batalha ou há referência a mortes. Ao considerar que os corvos que sobrevoam os espaços do romance de Assis Brasil trazem prenúncios de maus tempos na guerra, a primeira aparição deles na obra se dá quando Filhinho mata alguém:

Filhinho alivia-se, porque João Inácio não insiste no assunto do soldado morto, como quem encerra uma conversa da qual não se chegou à conclusão alguma. É um dia de céu muito azul, no alto os corvos fazem seu voo lento e macio. Nesse dia não era para haver guerra, nem soldados mortos, nem soldados prisioneiros, como aqueles que vê, sujos, quase nus, obrigados a puxar duas pipas de água. Mas, ao menos estão vivos, e não embaixo da terra como aquele índio (ASSIS BRASIL, 1978, p. 96).

Filhinho não gosta de falar sobre o sujeito que ele matou de forma quase acidental e fica feliz quando João Inácio encerra o assunto; no céu, porém, a presença dos corvos marca o cheiro (ou a presença) da morte rondando aquelas pessoas que estão abaixo do voo deles.

A ausência do voo dos corvos no céu durante a guerra também é mencionada em momentos nos quais as situações de violência parecem se tranquilizar. Com tal ausência, a sugestão de que haja esperança no fim da Guerra dos Farrapos:

No céu, nenhuma ave, nem a cerração que há dias impede de ver ao longe. Agora distingue as coxilhas perdidas, ondeando em verde, manchadas de capões espaçados. Na cozinha do bivaque fazem canjica, canjica com charque, o cheiro de Eudócia. Os soldados passam a mão no capim, molham o rosto, riem. A noite passou, e o dia traz o sol, comida, calor (ASSIS BRASIL, 1978, p. 143).

Nessa passagem da narrativa, percebe-se uma luminosidade através de elementos como, por exemplo, a ausência da cerração que encobria o céu e era companheira dos corvos, que não estão mais lá. Também há a lembrança de Santa Flora, no cheiro da canjica com charque que faz Filhinho lembrar-se da cozinheira da fazenda, Eudócia; logo, a ausência dos animais permite a interpretação das imagens relacionadas à tranquilidade e à segurança do lar.

Destaca-se o fato de os soldados estarem sorridentes em meio a uma guerra, local onde, em geral, pensa-se antes em choro em vez do riso, visto ser um ambiente em que muitas mortes ocorrem, causando sofrimento. Fato

que, em verdade, causa o riso nesses soldados é a ausência dos corvos, o que pode ser visto como uma trégua nas mortes, ao pensar que os referidos pássaros seriam os mensageiros dela durante a guerra.

3 Assis Brasil: processos de renovação

Considerando que *A prole do corvo* veio à luz no final da década de 1970, observa-se que a obra foi publicada em um período no qual escritores como João Gilberto Noll, Lya Luft e Caio Fernando Abreu estavam iniciando seus trabalhos no ambiente literário. Destaca-se ainda que tais autores são caracterizados por construírem suas narrativas em torno de uma temática intimista, em que é constante a preocupação com as dúvidas e as angústias existenciais das personagens.

Por outro lado, Assis Brasil pertence, de acordo com pesquisa realizada nos estudos historiográficos e críticos, a um grupo de escritores, considerados, em geral, regionalistas. Ao lado dele costumam estar os romancistas Tabajara Ruas e Josué Guimarães, considerados escritores que se dedicam à escrita de narrativas com preocupações acerca de questões relacionadas ao Rio Grande do Sul, mais detidamente à história do Estado, o que ainda faz com que os romances em destaque sejam vistos como romances históricos.

A obra de Assis Brasil analisada neste estudo é considerada, por muitos críticos e historiadores da literatura, apenas como um romance histórico, visto que se passa em um tempo e em um espaço que remetem à Revolução Farroupilha. Porém, embora de fato ela possa pertencer a tal gênero romanesco, conforme se pôde observar na análise, o romance apresenta um tom intimista, fato que o diferencia e impossibilita uma categorização definitiva em relação a seu gênero e temática.

Nesse sentido, Assis Brasil rompe com a categorização a ele delegada de um romancista que escreve romances apenas voltados à história do Rio

Grande do Sul, pois sua escrita vai além das preocupações sociais e políticas da história, à medida que, através da construção de suas personagens, ele demonstra preocupação em desvendar como os eventos históricos presentes na narração foram capazes de repercutir no interior das personagens. A questão é bastante explícita em *A prole do corvo*, pois se tem uma visão não apenas da guerra, mas de como esta foi capaz de modificar as pessoas nela envolvidas, em especial, os protagonistas Filhinho e Laurita, mas também personagens como Cássio e Chicão Paiva.

Outros romances do escritor também possuem características semelhantes às citadas, nos quais ele trata de fatos históricos do Estado, mas com a preocupação com o indivíduo envolvido no evento. Por exemplo, *Um quarto de légua em quadro* (1976), romance que insere Assis Brasil no cenário literário e o qual tem o tempo da história situado em 1752, data do povoamento açoriano do Rio Grande do Sul, e vem escrito em forma de diário pelo narrador e protagonista da narrativa, o médico Gaspar de Fróis, cujos dramas pessoais são misturados ao drama coletivo do referido período na história do Estado.

Ainda como exemplo da variação temática do romancista, cita-se sua obra *O homem amoroso*, publicada em 1986; essa novela de Assis Brasil estabelece seu foco no protagonista Luciano, um músico que passa por uma crise de identidade ao fazer quarenta anos. Porém, o diferencial dessa obra é que, ao contrário da maior parte das obras do romancista, não é ambientada em momentos históricos de significativa relevância para a historiografia do Rio Grande do Sul nem apresenta como protagonista alguma personalidade histórica. Ao contrário, volta-se à discussão dos conflitos pessoais da personagem Luciano e dos seus anseios e expectativas diante de fatos como sua carreira e família, questões que, em geral, ganham força em obras consideradas intimistas; nesse sentido, pode-se pensar a novela citada como atrelada à temática destacada.

O fato de o romancista transitar pelas temáticas regionalista e intimista o torna um autor híbrido, o qual não poderia ser classificado, de forma definitiva, nem como um regionalista, nem como um intimista; poder-se-ia talvez, contudo, levantar a possibilidade de uma temática regional-intimista. Essa linha estaria condicionada a autores que, em suas obras, fossem capazes de trazer, ao mesmo tempo, elementos que remetam à ambientação sul-rio-grandense (seja pelos episódios ocorridos na história, seja pelas questões políticas) e, em concomitância, consigam estabelecer discussões relativas ao indivíduo, as quais possibilitem transcender o espaço e o tempo em que estão inseridos, ou seja, que não sejam pertinentes apenas ao Rio Grande do Sul e ao tempo de sua publicação, já que, dessa forma, a obra pode ser considerada universal e manter-se no cânone literário.

Mesmo com a expansão da narrativa intimista após a década de 1970, o gênero romance histórico é uma constante na literatura sul-rio-grandense. Um dos motivos para a permanência, ainda na atualidade, de publicações desse gênero pode estar atrelado a questões relativas aos mitos (em grande quantidade), construídos ao longo de décadas na historiografia sul-rio-grandense e com os quais a literatura vem trabalhando nesses romances considerados históricos. Destaca-se que, nem sempre, como é o caso de *A prole do corvo*, a literatura vai ser conivente com as representações e visões apresentadas pela história tradicional acerca de determinado evento ou personalidade histórica, pois, muitas vezes, o seu papel, enquanto ficção, tem sido justamente problematizar e dessacralizar os mitos erigidos por longos anos nos diferentes discursos históricos. Nesse sentido o mito em torno da Revolução Farroupilha trata-se de uma representação idealizada não só dos ideais que a permearam, mas também dos homens que nela estiveram envolvidos (como, por exemplo, Bento Gonçalves, Antônio de Souza Netto e David Canabarro), os quais seriam considera-

dos exemplares para os demais gaúchos, devido às qualidades plasmadas a eles pela historiografia; entre as mais ressaltadas, estão a possibilidade de serem bravos guerreiros e defensores dos ideais do Estado perante o restante do país.

Em certa medida, talvez um fato que tenha impulsionado a ampla criação de romances históricos na produção literária do Rio Grande do Sul tenha sido, ao menos no começo dessa produção, a possibilidade de exaltação e recuperação de um passado mítico. Este foi visto por alguns discursos historiográficos como glorioso e povoado de heróis capazes de servirem de exemplo para os homens contemporâneos à publicação dos romances.

A partir dos diferentes olhares sobre um mesmo gênero, foi possível proceder à leitura do romance *A prole do corvo* e analisar como ele apresenta características tanto referentes ao romance histórico tradicional (Lukács) quanto ao novo romance histórico (Menton). A obra *A prole do corvo* apresenta inovações no gênero romance histórico e duas das mais destacadas são a dessacralização do mito em torno da Revolução Farroupilha e a preocupação em mostrar como os sentimentos interiores das personagens podem prevalecer diante da representação da guerra ou, ainda, como a guerra pode ser capaz de modificá-las.

Em outras obras do autor sulino, observa-se ser uma característica constante em sua produção a preocupação com o ser humano e não apenas com o fato histórico. A literatura de Assis Brasil parece preocupar-se, de forma contundente, em mostrar como o histórico é capaz de modificar o humano e de que forma isso ocorre no interior das personagens. Desse modo, a produção ficcional de Assis Brasil extrapola as características de um romance histórico, conforme se procurou mostrar nesse estudo, à medida em que inova sua escrita com a perspectiva intimista relacionada a elementos da historiografia do Rio Grande do Sul.

Referências

- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *A prole do corvo*. Porto Alegre: Movimento, 1978.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. O novo romance histórico brasileiro. *Revista Via Atlântica* [on-line], n.4. p. 167-177. ISSN: 2317-8086.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção. In: AGUIAR, Flávio et al. (Org.). *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1987. p. 107-114.
- CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- LUKÁCS, György. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina*. México: Fondo de la Cultura Económica, 1993.
- PESAVENTO, Sandra. *Revolução Farroupilha*. São Paulo: Brasiliense: 2003.
- PUGA, Rogério Miguel. *O essencial sobre o romance histórico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.
- WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo: estudo sobre romances do Sul*. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

Recebido em 19/10/2015.

Aceito em 05/04/2016.